

A POLÍTICA DE IGUALDADE DE GÊNERO NAS FORÇAS ARMADAS: AS PRIMEIRAS ASPIRANTES NA ESCOLA NAVAL

Hercules Guimarães Honorato
Centro de Estudos do Ensino
hghhhma@gmail.com

Resumo

O tema desta pesquisa é a política de igualdade de gêneros nas Forças Armadas por intermédio da formação superior militar na Escola Naval, que recebeu, em 2014, as primeiras doze mulheres graduandas. Espera-se que este estudo seja relevante para a construção de pontes sólidas no trato das futuras jovens que farão a opção de serem oficiais da Marinha. O objetivo deste artigo foi compreender a construção inicial da identidade da jovem mulher militar por intermédio da graduação via internato. Este estudo é de cunho qualitativo, com pesquisas documental e bibliográfica exploratórias, cujo instrumento de coleta de dados foi um questionário aplicado às Aspirantes calouras no período de adaptação à vida militar. O quartel tem por característica ser um território de homens, principalmente por envolver atividades de risco, força e de forte rigor da disciplina, porém, uma vez abertas as oportunidades, as mulheres estão demonstrando seu valor e sua capacidade de decisão e liderança. O período deste estudo em questão é uma fase de transição brusca e intensa, uma verdadeira "peneira", que visa levar à desistência as pessoas que não possuem vocação ou força de vontade suficiente para o ingresso na carreira militar. A pressão, sob vários aspectos, que é exercida, com exercícios físicos e treinamentos militares, faz parte de uma melhor preparação para o dia a dia repleto de atividades, tanto acadêmicas quanto militares do ciclo escolar e da vida militar-naval. No momento inicial de formação de um pequeno grupo de pioneiras, que representava 1,5% do total de discentes, verificou-se que elas começavam a conhecer as identidades sociais militares, o seu estilo de vida e os seus valores, e conscientizadas sobre a profissão escolhida, sem se esquecerem de que são mulheres e cidadãs, integrantes de uma sociedade que busca respaldo para uma Nação desenvolvida, forte, livre, unida e soberana.

Palavras-chave: Escola Naval. Forças Armadas brasileiras. Igualdade de gênero. Período de adaptação.

Introdução

As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano. (BEAUVOIR, 1967, p.7).

A epígrafe acima foi retirada do primeiro parágrafo de livro "Segundo Sexo" escrito por Simone de Beauvoir entre os anos de 1946 a 1948, com sua publicação inicial em 1949. A autora vivia numa época de término da Segunda Guerra Mundial, e que presenciou a recuperação do seu país, dominado e dividido que foi pelas potências em conflito. Poderíamos trazer e contextualizar a frase para os dias atuais, pois a luta pelo reconhecimento da mulher como força produtiva emancipada e participante ativa da sociedade contemporânea ainda é intensa e recente, com ganhos reconhecidos e retrocessos sentidos. A mulher é um ser a procura de deixar de ser apenas o Outro, procurando ser realmente o Sujeito, ativo e igual em todos os aspectos e atividades de nossa vida em sociedade.

A sociedade humana depois que houve a mutação dos homínídeos para os seres humanos, passados cerca de 250 mil anos, era de caça e coleta, em que homens e mulheres dividiam o poder, eram um coletivo de iguais. Do ponto de vista do gênero existia igualdade, um poder partilhado, e que Saffioti (2000, p.20) assevera:

Já está provado através dos estudos históricos que, na sociedade de caça e coleta, a mulher provê no mínimo 60% das necessidades da comunidade; a comida, por exemplo, em mais de 60% é oferecida pelas atividades de coleta desenvolvidas pelas mulheres. Os homens caçam, mas a caça não é uma atividade cotidiana, é uma atividade que ocorre uma ou duas vezes por semana; ele provê cerca entre 30 a 40% da necessidade da comunidade. Por aí já se vê que a situação da mulher não é a mesma em todas as sociedades e que a dominação masculina é um caso específico, um caso histórico dentro de um esquema de divisão do poder mais igualitário.

O que se acredita, portanto, é que tanto os homens quanto as mulheres podem executar diferentes tipos de trabalhos e serem iguais, como também podem desempenhar funções idênticas e serem desiguais. O que Farr e Chitiga (1991) apud

MACÊDO; MACEDO, 2004, p.83) argumentam que "o problema não se refere tanto sobre quem faz o quê, mas quem define os papéis do outro e se, tanto homens quanto mulheres, têm escolha". Com o passar dos séculos há o aumento da participação das mulheres em ocupações profissionais tradicionalmente masculinas, como pano de fundo para uma efetiva igualdade de oportunidades entre homens e mulheres.

Em 2014, a EN recebeu as primeiras doze Aspirantes¹, já incorporadas ao Corpo de Intendentes da Marinha (CIM). Este estudo, portanto, é de cunho qualitativo, bibliográfico exploratório e com dados de pesquisa longitudinais, visto que acompanharemos as doze novas Aspirantes durante sua formação acadêmica, onde sairão Guardas-Marinha em 2017. A ideia precípua é procurarmos compreender a formação da construção da identidade social da jovem mulher militar oriunda da graduação superior via aquartelamento. O período inicial de coleta de dados foi o da adaptação, que ocorreu no mês de janeiro de 2014. O instrumento de coleta de dados foi um questionário com perguntas abertas e fechadas às adaptadas².

Assim exposto e para o atendimento do objetivo colimado, este artigo está dividido em quatro seções principais, além da introdução e das considerações finais. Começamos por uma breve história sobre a mulher nas Forças Armadas e em especial na Marinha, até a chegada das candidatas à Aspirantes na EN. A segunda parte trata dos valores que são ensinados, sendo que o companheirismo e o espírito de corpo foram os destacados. A terceira seção apresenta o que significa o período de adaptação à vida militar. A quarta seção é uma análise do instrumento de coletas e a caracterização dos sujeitos da pesquisa.

Espera-se que este estudo seja relevante para a construção de pontes sólidas no trato das futuras jovens que farão a opção de serem oficiais da Marinha, por intermédio do aquartelamento e a vida na caserna durante a sua graduação.

¹ Aspirantes - denominação oficial, no ambiente da Marinha do Brasil, para os alunos da Escola Naval brasileira.

² Adaptandos (as) - termo que designa o futuro Aspirante durante o período compreendido entre sua apresentação e a sua matrícula no ciclo escolar (ESCOLA NAVAL, 2014, p. 1.1).

Breve história da mulher nas forças armadas brasileiras

Em 24 de outubro de 1979, o então Senador da República por São Paulo Orestes Quércia submeteu um Projeto de Lei do Senado (PLS) de nº 323 que tratava do ingresso voluntário de mulheres nas academias militares de nível superior. O projeto, em seu art. 1º, ainda reservava um percentual de vagas para candidatos do sexo feminino (BRASIL, 1979). Em 28 de novembro de 1979, a Comissão de Constituição e Justiça do Senado, por intermédio do seu parecer nº 20, rejeitou o referido PL, argumentando que o mesmo era inconstitucional, pois colidia com o art. 81, item V, da Constituição Federal em vigor, "que diz competir privativamente ao Presidente da República 'dispor sobre a estruturação, atribuições e funcionamento dos órgãos da administração federal'" (BRASIL, 1980, p.1).

À época a Marinha crescia com a aquisição no exterior e construção no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro (AMRJ) de modernas Fragatas da Classe "Niterói" entre outros meios operativos, além de mobiliar, com mão-de-obra de nível técnico e universitário, o Centro Médico Naval do Rio de Janeiro, um complexo hospitalar recém-inaugurado que incluía também o Hospital Naval Marcílio Dias.

Aproveitando-se da ideia das mulheres nas Forças Armadas e da necessidade de liberar o militar operativo para as "atividades relacionadas diretamente com a preparação e o emprego do Poder Naval" (MENDES, 2010, p.1), em 7 de julho de 1980, com a promulgação da Lei nº 6.807, foi criado pelo então Ministro da Marinha, o Almirante-de-Esquadra Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva (CAFRM), composto por um quadro de Oficiais e outro de Praças (ANDRADA; PERES, 2012).

Depois de mais de 30 anos da entrada das primeiras mulheres nas fileiras da Marinha do Brasil (MB), em 2014, pela primeira vez, passaram a pisar o solo histórico da Ilha de Villegagnon, sede desde 1938 da Escola Naval (EN), doze Aspirantes no seu Curso de Graduação, futuras bacharéis em "Ciências Navais". Essas pioneiras na formação militar superior na MB, representavam cerca de 1,5% do total de discentes da Instituição.

A Força Aérea Brasileira (FAB) admitiu o ingresso de mulheres em 1982,

inicialmente em atividades administrativas e na área da saúde, similar ao realizado pela MB. Em 1996, utilizando o mandamento constitucional de que "homens e mulheres são iguais em direitos, obrigações e oportunidades" (TAKAHASHI, 2002, p.135), o então Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Mauro Gandra, admitiu na Academia da Força Aérea (AFA) as primeiras mulheres em curso de formação superior, no quadro de Intendência, para o "recebimento de uma formação acadêmico-militar idêntica ao dos homens em curso de formação de oficiais de carreira e a possibilidade de atingir o generalato" (TAKAHASHI, 2002, p.135). A partir de 2002, a possibilidade profissional das mulheres na AFA foi ampliada, com a opção, durante o concurso de admissão, para o ingresso no Curso de Formação de Oficiais Aviadores (CFOv), "destina-se a aumentar a participação feminina no curso, compensado o fato de que não há vagas para mulheres na Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR), de onde provém a maior parte dos Cadetes Aviadores da AFA" (SANTOS, 2006, p.38).

No Exército Brasileiro (EB) foi criado um Quadro Complementar de Oficiais em 1990. "Diferentemente da Marinha e da Aeronáutica, as mulheres ficaram reunidas num quadro à parte, no Exército foi criado o Quadro de Oficiais Auxiliares, composta por homens e mulheres, para o exercício de funções técnicas" (ANDRADA; PERES, 2012, p.36). A lei no 12.705, de 08 de agosto de 2012, que dispõe sobre os requisitos para ingresso nos cursos de formação de militares de carreira do Exército, em seu art. 7º, determina que "o ingresso na linha militar bélica de ensino permitido a candidatos do sexo feminino deverá ser viabilizado em até 5 (cinco) anos a contar da data de publicação desta Lei" (BRASIL, 2012, não paginado). Deste modo, a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx) está ultimando obras em suas instalações para o recebimento, a partir de 2017, das primeiras mulheres para um curso regular da carreira militar da Força³, nos quadros de Material Bélico e Intendência.

³ Disponível em: <http://correio.rac.com.br/_conteudo/2014/03/ig_paulista/164113-espceex-prepara-as-primeiras-mulheres-combatentes-do-brasil.html>. Acesso em: 26 set. 2014.

Os valores militares

A caserna tem por característica ser um território dos homens, principalmente por envolver atividades de risco, força e de forte rigor da hierarquia e da disciplina. Helena Carreiras (2004, p.91) argumenta que apesar dessa tentativa atual de "equalização estatutária entre militares de ambos os sexos, persistem ainda diversas restrições ocupacionais e as mulheres continuam maioritariamente excluídas de funções relacionadas com o combate". Porém, uma vez que as oportunidades foram abertas a livre iniciativa, "as mulheres estão demonstrando sua alta capacidade de decisão, autonomia e comando [...] os desafios agora são o pleno acesso das mulheres às atividades de risco e às mais altas funções de comando e de decisão" (ANDRADA; PERES, 2012, p.14-15).

É importante realçar que a base do trabalho, em qualquer organização, inclusive a militar, são os seus valores, que norteiam também os objetivos pessoais e, conseqüentemente, devem estar em consonância com os princípios e valores organizacionais. Estes servirão de base para melhorar a eficiência do trabalho, pois deverá haver o alinhamento dos objetivos dos trabalhadores aos da instituição, orientando ambos a uma direção com o mesmo fim (RIBAS; RODRIGUES, 2009). Os valores organizacionais dizem respeito ao comportamento desejado do indivíduo em relação ao seu ambiente de trabalho, como motivador de seu relacionamento com as tradições de sua instituição, comunicados e transmitidos entre seus membros, sem deixar de possuir certa correspondência com os valores pessoais.

Castro (2004, p.15) argumenta, em seu estudo antropológico na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), do Exército Brasileiro (EB), que o discente vive "um processo de socialização profissional durante o qual deve aprender os valores, atitudes e comportamentos apropriados a vida militar [...] é na interação com outros cadetes e com os Oficiais que ele aprende como é ser militar". Esse autor, citando Dornsbuch (1995 apud CASTRO, 2004, p.35) afirma que as academias militares "constituem-se no 'exemplo extremo' de uma 'instituição assimiladora': ela isola os cadetes do mundo de fora, ajuda-os a se identificar com um novo papel, e, assim, muda sua auto-concepção".

Nesse isolamento, os novos alunos militares começam a conhecer os valores e virtudes dos militares, em especial são apresentados à hierarquia e à disciplina, binômio estrutural da vida na caserna. Schirmer (2007) apresenta-nos trinta virtudes da carreira das armas, e para representar esse período de assimilação a vida militar dos jovens e das jovens, podemos pinçar inicialmente a "camaradagem" e o "espírito militar". O espírito militar, segundo esse autor, pode ser resumido como a exaltação ao sentimento do dever que emana em prol da sociedade, o respeito à disciplina, a abnegação, a lealdade e a coragem física e moral, "é a fonte onde o soldado busca o bálsamo a ser derramado nas chagas abertas pelas inevitáveis adversidades da vida castrense" (SCHIRMER, 2007, p.31).

Segundo o dicionário *online* Priberam da Língua Portuguesa⁴, camaradagem significa convivência entre companheiros, solidariedade ou amizade entre colegas. O que pode ser ratificado no livrete "Nossa Voga" que todos os novos Aspirantes recebem para começarem no trato das lides marinheiras. Deixa claro em sua leitura que a camaradagem é "uma das mais belas virtudes que nós militares, indiscutivelmente possuímos, é o coleguismo [...]. Não esqueça nunca que as amizades iniciadas na Escola Naval são as mais sólidas e duradouras" (ESCOLA NAVAL, 1957, p.30-32). Na versão atual, de 2009, "a vida acadêmica traz consigo o conceito de turma, conjunto dos Aspirantes que ingressam em um mesmo ano na Escola Naval, e em um mesmo ano - que identifica a turma - são declarados Guardas-Marinha" (ESCOLA NAVAL, 2009, p.61).

O Contra-Almirante Adalberto de Leme Basto, em 1941, proferiu as seguintes palavras dirigidas aos alunos do então curso prévio⁵ em relação à mudança na vida do jovem ao escolher vir para a EN:

[...] começais hoje vida nova. Trocaís a liberdade de estudante ginásial e a vida de casa pelo regime exatamente estabelecido do internato da Escola Naval [...] a par de suas obrigações nela tereis recreio e passatempo agradável. (ESCOLA NAVAL, 1957, p.38).

⁴ Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/camaradagem>>. Acesso em: 28 set. 2014.

⁵ Curso Prévio - curso preparatório de um ano realizado na própria EN, antes da instalação do Colégio Naval em Angra dos Reis.

E assim, voltando aos dias atuais, entraram em 2014, pela ponte principal da histórica Ilha de Villegagnon, para o período de adaptação, 236 jovens brasileiros, homens e mulheres, em busca do sonho de serem os novos "Sentinelas dos Mares", como são conhecidos, no seio da MB, os futuros oficiais oriundos da EN.

O estágio de adaptação de 2014

O período de adaptação é uma fase de transição brusca e intensa, como afirma Castro (2004, p.19), "uma 'peneira' que visa levar à desistência as pessoas que não possuem vocação ou força de vontade suficiente para o ingresso na carreira militar". É um período que os novatos não têm tempo nem para pensar, com todos os momentos ocupados por algumas atividades, desde físicas, militares e até burocráticas. Segundo esse autor, a preocupação dos oficiais é "homogeneizar os cadetes o mais rapidamente possível em relação ao nível de formação militar" (CASTRO, 2004, p.24).

A sequência inicial de antiguidade é composta primeiro pelos alunos oriundos do Colégio Naval carregando a sua classificação do final do terceiro ano da instituição, são incorporados os discentes repetentes; depois vêm os alunos do concurso público do gênero masculino; a seguir os estrangeiros matriculados que passaram pelo estágio de qualificação realizado no ano anterior; e, por último, as doze adaptandas. O Estágio da Adaptação é regulado internamente pela Norma do Comando do Corpo de Aspirantes (ESCOLA NAVAL, 2014, p.1-1) e visa a "definir responsabilidades e estabelecer normas para o planejamento, execução e controle das atividades referentes ao Estágio de Adaptação de candidatos a Aspirantes".

Esse Estágio é bem regulado pela norma citada, inclusive com um quadro de trabalho semanal, planos das diversas aulas, procedimentos para o recebimento de uniformes, livros, censo odontológico. No caso dos adaptandos oriundos de concurso público, uma rotina especial é preparada por ocasião da realização do exame psicotécnico. Em suma, completam com muita ordem-unida, atividade militar, e por diversas atividades esportivas.

Entre os meios utilizados para a integração entre os candidatos a Aspirante ou futuro calouro, foi a criação de pelotões com nomes temáticos e com bandeiras com efeitos visuais. Tem-se as bandeiras dos pelotões assim denominadas: "A" - Esparta, "B" - Anfíbio, "C" - Insano, "D" - Inferno, "E" - Neurótica, e "F" Fúria. Os hinos, brados e as cantorias motivacionais são importantes nesse período. Um brado chamou muito a atenção deste autor pelo viés aparente machista e brincalhão que trás em sua letra, visto que agora temos as jovens mulheres. A letra, bastante interessante, diz o seguinte: *"Não venha me dizer que você vai cansar; que a perna está bamba e pode desmaiar; que o braço está doendo de tanta flexão [...] aqui é assim mesmo, quem não aguenta sai. Pega suas coisas e volta para o papai; iarara, eu não tô nem aí, se tu não aguenta, então pede para sair; iarara, eu não tô nem aí. Eu não terei pena de ti."*

A conclusão que podemos tirar e sem caminhar para o lado da discussão de gênero, é que papai rima com sai, e assim a ordem unida é realizada, os erros iniciais são cometidos, as flexões de braço são determinadas, alguns poucos desistem e em sua maioria os jovens vão se adaptando à vida da caserna, da instrução e do adestramento. Como informação complementar, dos 236 calouros que iniciaram o período de adaptação, apenas 8 (oito) desistiram e não continuaram, sendo que todas as doze jovens novatas na vida militar na EN continuaram.

A análise do instrumento de coleta de dados

Esta pesquisa foi iniciada em janeiro de 2014 durante o Estágio de Adaptação. Foi utilizado um questionário, com perguntas abertas e fechadas, para as doze Aspirantes. Porém, resolvemos optar por trabalhar somente com algumas questões. O questionário foi composto de duas partes: a primeira trata da origem social e de sua escolarização; e a segunda sobre as expectativas quanto à profissão escolhida. A identidade das respondentes foi preservada e as respostas, quando mencionadas, serão discriminadas pelo código alfanumérico de "Asp.1" a "Asp.12", escolhidos aleatoriamente, independente de classificação de entrada dentro da escola.

Na primeira parte, que trata da vida acadêmica e familiar da Aspirante, podemos iluminar que, em sua maioria, são do estado do Rio de Janeiro, e oito realizaram o ensino médio em instituição pública, sendo que cinco foram oriundas de algum Colégio Militar. Cinco respondentes têm os pais com a origem militar. Na pergunta que tratava de avaliar a opinião dos familiares a respeito da escolha de uma profissão militar, a resposta foi unânime, o apoio total da família, e como afirmam em suas respostas: "*se orgulham de eu ter ingressado na Marinha e me apoiam nessa escolha*" (Asp.4); ou "*eles se dizem muito orgulhosos da minha brilhante escolha*" (Asp.5); ou ainda "*me apoiam totalmente e valorizam muito minha escolha*" (Asp.8).

Uma pergunta procurou ser o termômetro do que as futuras Aspirantes pensavam quando estavam vivenciando o Estágio de Adaptação. A questão foi direta ao tema de desistir e pedir para sair, mas a resposta "não" foi repetidamente escrita, inclusive a Asp.4 asseverou que "*estava focada no meu objetivo*", o que foi ratificado pela Asp.5, "*Não, nenhuma vez, inclusive, sempre que as meninas choravam na adaptação eu dava muita força e apoio*". Pode-se verificar que o espírito de corpo e o companheirismo já estavam sendo cultivados entre o pequeno grupo de adaptandas.

Uma pergunta avaliou a relação delas com o universo masculino na EN. Um falaram que "estava tranquilo", outras "de muito respeito", ou mesmo "normal", "*os Aspirantes (meus companheiros de turma) me aceitaram bem na turma, sobre os Oficiais, às vezes parece que cobram de mim por eu ser mulher*" (Asp.3). A Asp.11 confirma que é uma ótima relação, "*com muito respeito e companheirismo*". O que é ratificado pela Asp.12: "*muito boa, eles nos receberam sem nenhuma discriminação e ficamos gratas por isso*". Uma resposta interessante foi a da Asp.5, "*a cada dia um aprendizado e um crescimento pessoal e já até me chamam de 'tomagoshi', pois todos me 'adotaram' e me ajudam bastante com as fainas*". As brincadeiras no grupo, desde que sadias, fazem com que a relação de amizade floresça, pois sempre que um apelido amigo e aceito é colocado em um colega, todos passam a reconhecer na pessoa o carinho e a descontração existente intragrupo.

Em relação às perguntas sobre as expectativas quanto à profissão escolhida, uma, em especial, procurou entender o que as jovens, futuras tenentes intendentess, esperam no trato com o ambiente masculino das unidades militares para as quais

forem designadas depois de formadas. Todas as respostas mostraram que elas são maduras e responsáveis, e acreditam que vão lidar tanto com os Oficiais e Praças da mesma maneira como estão aprendendo na EN: "*com respeito e cordialidade*" (Asp.4); "*mantendo a compostura, mostrando aos militares que nós também podemos ser excelentes Oficiais*" (Asp.1); e "*com muita postura e profissionalismo no ambiente de trabalho; ética e respeito de um para com outro*" (Asp.5).

Uma questão procurou avaliar, nesse início em Villegagnon e no período de adaptação, qual seria o seu maior desafio. Algumas responderam já pensando no período do ciclo escolar, como a Asp.3, que está preocupada na parte da educação física, ou a Asp.4 no nível de dificuldade acadêmico, ou ainda a Asp.9 em "*organizar sempre o meu tempo para conseguir fazer tudo o que é preciso*", ou a sinceridade da Asp.7 em "*superar minha timidez*", ou até mesmo a Asp.2 que não sabe qual será o seu maior desafio. Duas interessantes respostas foram dadas pelas Asp.8, "*conciliar minha família com minha vida profissional*", e pela Asp.12 sobre a "*distância da família quando embarcar por muito tempo em viagens longas*".

Tendo este artigo o foco no Estágio de Adaptação, uma pergunta procurou colher sugestões para a sua melhoria. A Asp.4 sugeriu "*visitações a ambientes onde trabalham os Oficiais da Intendência, do Corpo da Armada e de Fuzileiros Navais*", o que não acontece nesse período em questão, mas sim durante o ano acadêmico nas chamadas Práticas Profissionais Navais (PPN). A Asp.2 argumentou sobre a necessidade de "*mais instrução sobre o uso do uniforme*". Quatro respondentes foram enfáticas em realçar a necessidade de mais tempo para "*higiene pessoal*" e "*poder lavar as mãos antes das refeições*".

A última questão que será exposta trata sobre a escolha pela MB, e se elas tinham alguma noção acerca da profissão escolhida, ou seja, de ser uma Oficial do CIM. Três responderam simplesmente que "*não*" e quatro "*um pouco*", inclusive uma delas fez uma pesquisa sobre a formação das mulheres intendentes na AFA. Seis responderam que "*sim*". A Asp.5 explicou que pelo fato de "*ter passado para as duas Marinhas (Mercante e de Guerra), pesquisei muito sobre ambas e inclusive conversei com os Aspirantes já formados*".

O período da realização da coleta das respostas foi ao final do estágio, o que

demonstra que algumas respostas já estavam revestidas de relações positivas no trato do grupo entre os seus integrantes. Mesmo assim, é sabido que a pouca experiência do meio militar, principalmente dos adaptandos oriundos do concurso público ou mesmo daqueles que não fizeram o seu ensino médio em um dos Colégios Militares, sempre será mais sentida em qualquer jovem, seja homem ou mulher. O que pode ser corroborado pelas palavras da Asp.3 sobre o estágio: "*eu me sairia melhor se soubesse mais ou menos como seria. Não estava nem um pouco preparada quando cheguei aqui*".

Considerações finais

Existe um aumento da participação das mulheres em diversas ocupações profissionais, até pouco tempo notadamente masculinas. Tivemos uma Presidente da República eleita em 2010, uma Almirante promovida em novembro de 2012, temos mulheres trabalhando na construção civil, como motoristas de ônibus e até em aviões de combate. A mudança estrutural nas relações entre gêneros evoluiu consideravelmente nos últimos anos, e como somos frutos de uma construção social histórica, uma vez abertas as oportunidades, as mulheres estão demonstrando seu valor e sua capacidade de decisão e liderança.

O Aspirante recém-admitido na Escola Naval é tradicionalmente chamado de calouro. Existe uma frase ouvida desde os primeiros momentos da adaptação, ainda sem uniforme de militar, "*quanto mais ouro mais calouro, quanto mais prata mais pirata*". A pressão sob vários aspectos e que é exercida nesse período em questão, com exercícios físicos, treinamentos militares e muita informação sobre a carreira e a cultura naval, faz parte de melhor prepará-los para o dia a dia repleto de atividades, tanto acadêmicas quanto militares do ciclo escolar e da vida naval. É um período que não dá para parar e pensar, o tempo todo é ocupado. Ao final, procura-se criar uma unidade coletiva e social em mais de 230 jovens de diferentes origens, mas que no conjunto, e a partir do início do caminhar por Villegagnon, não sentiram a questão de gênero, pois são antes de tudo militares e com um único objetivo: receber a espada

ao final de 2017, sendo declaradas Guardas-Marinha, e no futuro, "*alcançar a patente mais alta e ser muito respeitada por fazer parte da primeira turma de mulheres da Escola Naval*" (Asp.9).

Portanto, no momento de formação de um pequeno grupo de pioneiras, as Aspirantes começaram a conhecer as representações sociais militares, estão descobrindo sua vocação, aprendem o estilo de vida da tropa e os valores militares. Além disso, estão conscientes sobre os comportamentos desejáveis que deverão seguir na profissão castrense, de dedicação à Força, à Pátria, sem se esquecerem de que são mulheres e cidadãs, integrantes ativas de uma sociedade que busca, em suas cores e ações, respaldo para uma Nação desenvolvida, forte, livre, unida, justa e soberana.

Este autor foi convidado a fazer uma palestra, no mês de setembro, sobre o Corpo de Intendentes da Marinha para a turma de Aspirantes na Disciplina de Cultura Organizacional Militar. Aproveitamos a oportunidade e construímos uma dinâmica ao final da aula. Elas teriam que responder uma pergunta. Do início da adaptação até agora, que mudanças internas e externas como pessoa e como militares elas puderam perceber? As respostas foram interessantes e que abaixo estão transcritas por intermédio de uma costura textual, todas as respostas estão presentes, dos pontos importantes e que foram, em certa medida, discutidos neste artigo.

"Ingressei na Marinha do Brasil, sem experiência nenhuma do que era militarismo e muito menos do que era ser militar. Foi um período difícil o da adaptação, onde aprendi a resolver os problemas tantos meus quanto das pessoas que estão ao meu redor. Eu era muito imatura e tímida, passei a ser uma pessoa mais organizada, mais responsável, mais segura, aprendi a cumprir ordens sem questionamentos, também a camaradagem todos os dias de nossa formação e a desenvolver novas aptidões. Outro ponto é o meu lado esportivo, o qual eu não tinha desenvolvido até então, hoje pratico esporte e gostaria de estar sempre praticando. São muitas as dificuldades, muitas mesmo, mas encontrar a cada dia um motivo profissional para ficar é satisfatório demais, pois estou crescendo e melhorando. Já pensei em desistir uma vez, que a rotina é exaustiva, mas, de alguma forma, eu sinto que aqui é meu lugar. Estou aprendendo a ser feliz aqui e, pelo que eu vi até agora do CIM, eu acho

que fiz a escolha certa em vir para a Escola Naval como Intendente. Eu tinha apenas duas irmãs, eu ganhei mais 11 irmãs e 261 irmãos e companheiros de turma".

Referências Bibliográficas

ANDRADA, S. A. de; PERES, H. M. **Mulheres a Bordo**: 30 anos da mulher militar na Marinha do Brasil. Rio de Janeiro: Hmperes & Associados, 2012.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução de S. Millet. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. Disponível em: <<http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409680.pdf>>. Acesso em 01 abr. 2015.

BRASIL. **Lei n. 12.705, de 08 de agosto de 2012**. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12705.htm>. Acesso em: 21 maio 2014.

BRASIL, **Projeto-de-Lei do Senado nº 323, de 24 de outubro de 1979**. Serviço de Atendimento ao Usuário da Secretaria de Arquivo do Senado Federal (SARQ). Brasília, DF, 1979.

BRASIL. **Parecer nº 20, de 1980, de 26 de maio de 1980**. Serviço de Atendimento ao Usuário da Secretaria de Arquivo do Senado Federal (SARQ). Brasília, DF, 1980.

CARREIRAS, H. Mulheres em contextos atípicos: Lógicas de exclusão e estratégias de integração feminina nas Forças Armadas. **Etnográfica**, Lisboa, Portugal, v. VIII, n.1, p.91-115, 2004.

CASTRO, C. **O Espírito Militar**: um antropólogo na caserna. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ESCOLA NAVAL. **Nossa Voga**. Publicação destinada aos novos Aspirantes da Escola Naval. Rio de Janeiro, 1957.

ESCOLA NAVAL. **Nossa Voga**. Publicação destinada aos novos Aspirantes da Escola Naval. Rio de Janeiro, 2009.

ESCOLA NAVAL. **Normas do Comando do Corpo de Aspirantes**. En-30. Cap.1. Rev.5, Rio de Janeiro, 2014.

MACÊDO, G. S.; MACEDO, K. B. As relações de gênero no contexto organizacional: o discurso de homens e mulheres. **Revista Psicologia**, São Paulo, v.4, n.1, jan./jun. p.81-90, 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v4n1/v4n1a04.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

MENDES, L. C. K. B. **Subsídios sobre a presença da mulher na MB.** Brasília, DF: Centro de Comunicação Social da Marinha, 2010.

RIBAS, F. T. T.; RODRIGUES, C. M. C. Valores organizacionais declarados e implantados: uma percepção entre o real e o desejado. **Revista Iberoamericana de Engenharia Industrial**, Florianópolis, v.1, n.2, p.43-60, dez. 2009.

SAFFIOTI, H. O segundo sexo à luz das teorias feministas contemporâneas. In: MOTTA, A. B.; SARDENBERG, C.; GOMES, M. (Orgs.). **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas.** Salvador: NEIM/UFBA, 2000, parte I, p.15-39. (Coleção Bahianas; 5).

SANTOS, A. C. A. dos. O empenho de Aviadoras na Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira. **Revista UNIFA**, Rio de Janeiro, v.18, n.21, p.35-47, 2006.

SCHIRMER, P. **Das Virtudes Militares.** Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2007.

TAKAHASHI, E. E. **Homens e Mulheres em campo:** um estudo sobre a formação da identidade militar. 2002. 276f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.